

“Hilado por modo jamas visto en la Christandad”.

O fio de ouro chinês aos olhos dos europeus (séculos XVI a XVIII)¹

MARIA JOÃO PACHECO FERREIRA²

Resumo

No decurso das investigações que temos vindo a desenvolver em torno do tema da produção têxtil chinesa de exportação para o Velho Continente, foi-nos possível reconhecer uma considerável diversidade de notícias recolhidas e divulgadas por europeus, entre os séculos XVI e XVIII, acerca do fio de ouro, uma das mais importantes matérias-primas usadas no Império do Meio naquele domínio artístico. Da sua leitura ressalta o manifesto interesse dos autores pelo fio de ouro já que, sistematicamente, o elegeram como tópico de análise nos relatos e descrições que se foram coligindo sobre a China.

Para o presente texto, procedeu-se à selecção de exemplos que se consideram bem demonstrativos do tipo de referências identificadas e que bem testemunham o impacto que este filamento exerceu entre os europeus que com ele e em diferentes contextos lidaram.

Abstract

During the research about the Chinese textile manufacture for Europe, it has been recognized a considerable amount of notices written by Europeans, between the XVIth and the XVIIIth centuries, about the Chinese gold thread, one of the most important material used on Chinese textiles.

¹ O presente artigo constitui-se como parte do texto da comunicação apresentada na VIIIª Semana de História da Arte - dedicada ao Oriente - organizada pelos alunos do curso de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, em Abril de 2008, a qual teve como título *Visões europeias em torno dos materiais característicos da produção têxtil chinesa. A seda e o fio de ouro aos olhos dos europeus (séculos XVI a XVIII)*.

² Doutoranda em História da Arte na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, na qualidade de bolsista da Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

With this paper one intends to present some examples considered demonstrative of the sort of information identified and which reflects the remarkable impact caused by this filament among the Europeans.

Palavras-chave – *fio dourado; produção têxtil chinesa*

Entre os muitos artigos de luxo chineses que tanto impressionaram os portugueses e outros europeus que à China se deslocaram, sobretudo, a partir de meados do século XVI, encontra-se o fio de ouro que, juntamente com a seda³, se afirma como uma das mais importantes matérias-primas usadas na produção têxtil daquele país, em concreto, em tecidos, tapeçarias e bordados.

Obtido a partir de tão nobre matéria como é o ouro, este fio parece ter conquistado a atenção dos ocidentais desde os seus primeiros contactos sistemáticos com os chineses pois, recorrentemente, o elegeram como tópico de análise nos relatos e descrições que se foram coligindo em torno do Celeste Império. Com efeito, uma leitura atenta revela-nos o quanto este assunto é assíduo nas notícias da China que, entre meados de Quinhentos e de Setecentos, chegam a Portugal e à Europa, graças, sobretudo, aos padres da Companhia de Jesus, sensíveis e deveras interessados em tudo o que se reportava àquela nação, mas também a membros de outras ordens religiosas e, até, de civis.

Com base nesta constatação, e na tentativa de melhor compreender o fenómeno, procurámos elencar e analisar alguns exemplos dessas mesmas referências, com que no decurso das nossas investigações nos temos vindo a deparar⁴. Cumpre-nos, por isso, salientar que, não tendo nós procedido a qualquer levantamento exaustivo de informes relacionados com o tema em questão, o presente texto se assume, para nós, tão-só como um primeiro ensaio de aproximação à temática.

Assim sendo, nas obras que tivémos oportunidade de analisar, datáveis de entre os séculos XVI e XVIII, as informações nelas constantes acerca do fio de ouro revelam-se de natureza diversa, reportando-se, *grosso modo*, à sua manufactura, particularidades físicas, tipos de utilização e comercialização. A sua abordagem nos textos inscreve-se em contextos temáticos distintos, passíveis de serem agrupados em 4 núcleos, cujo teor nos servirá de guia à organização e exposição das informações reunidas, até ao momento, sobre o referido fio.

Tomemos como ponto de partida um excerto da obra do inaciano Álvaro Semedo, *Relação da Grande Monarquia da China*, publicada em 1637, no qual

³ Tema que já tivémos oportunidade de abordar: Maria João Pacheco FERREIRA, - Notícias da Seda. Referências à seda chinesa na documentação impressa dos séculos XVI a XVIII e seu impacto na sociedade europeia. *Revista de Cultura* (Ed. Internacional). Macau: Instituto Cultural do Governo da Região Administrativa Especial de Macau, nº 16, 2006, pp.119-139.

⁴ Designadamente, no contexto da investigação conducente à dissertação de mestrado. Cf. Maria João Pacheco FERREIRA, - *As Alfaias Bordadas Sinoportuguesas (Séculos XVI a XVIII)*. Lisboa: Universidade Lusíada Editora, 2007.

pode ler-se: “É admirável a riqueza deste país, pois que, além da terra ser tão fértil em víveres e de tudo que é necessário à vida humana (...) ainda proporciona ao estrangeiro os mais belos e melhores produtos do Oriente como são o oiro em fio, compacto ou em pães (...)”⁵. Nele se reconhece um desses quatro domínios em que a menção ao fio metálico tende a surgir nas obras compulsadas, designadamente, o da existência em abundância de matérias-primas e seus derivados naquela nação, como era precisamente o caso. A este núcleo acrescem outros três: um primeiro, vocacionado para a habilidade manual dos chineses, sendo que o fio de ouro por eles produzido é aqui utilizado como argumento demonstrativo das suas capacidades; um outro, normalmente respeitante à descrição do tipo de manufacturas têxteis que na China se podiam encontrar, e entre as quais se destacavam aquelas com fio de ouro; finalmente, mas nem por isso menos relevante, distingue-se ainda outro fundo de investigação no campo dos produtos transaccionados quer pelos chineses quer pelos portugueses e entre os quais se inscreve, também, o fio de ouro.

Acerca do primeiro tópico, o da abundância do ouro, matéria-prima com que é feito o fio dourado chinês, Duarte de Sande é peremptório ao afirmar que “*Produzem-se, pois, nesta região, em primeiro lugar, muitos metais de que o primeiro em dignidade e abundância é o ouro (...)*”⁶. Ao que acrescenta, “*E daqui vem que no reino da China tantas coisas são artisticamente cobertas de ouro, por exemplo, leitos, quadros, estandartes, imagens, liteiras de que as mulheres mais ricas fazem uso.*”⁷

Dispondo a China de avultadas quantidades de ouro ao invés da prata, que os chineses procuram incessantemente arrecadar para o tesouro imperial - e que como o Pe. Marcelo de Ribadeneira escreve em 1600, “*es el principal dios que adoran los chinos*”⁸ -, afigura-se pois natural que este tema seja abordado pelos diferentes relatores, como o padre jesuíta Gabriel de Magalhães, na sua obra *Nova relação da China*: “*A abundância de oiro que [a China] tem, em todas as suas províncias, é tal que, vez de o converterem em dinbeiro, para comprarem as coisas necessárias, constitui ele mesmo mercadoria. Disso proveio o bom dito desse chinês, que se repete, frequentemente, em Macau: «a prata é sangue e o oiro é mercadoria»*”⁹. Ainda neste domínio, o mesmo autor prossegue com informações de cariz mais prático, notando que “*As peças de oiro e prata não são cunhadas,*

⁵ Álvaro, SEMEDO S.J., - *Relação da Grande Monarquia da China*. Macau: Direcção dos Serviços de Educação e Juventude - Fundação Macau, 1994, p. 32 (1ª ed. 1637).

⁶ Duarte de, SANDE, S.J., - *Diálogo sobre a Missão dos embaixadores japoneses à Curia Romana*. Macau: Fundação Oriente - Comissão Territorial de Macau para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, 1997, p. 331 (1ª ed. 1590).

⁷ Duarte de, SANDE, S.J., - *op. cit.*, p. 334.

⁸ Marcelo de, RIBADENEIRA - *Historia de las Islas del Archipiélago Filipino y Reinos de la Gran China, Tartaria, Cochinchina, Malaca, Siam, Cambodge y Japón*. Madrid: La Editorial Católica, S.A., 1947, p. 109 (1600).

⁹ Gabriel de, MAGALHÃES S.J., - *Nova relação da China Contendo a Descrição das Particularidades mais Notáveis deste Grande Império*. Macau: Fundação Macau - Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, 1997, p. 167 (1ª ed. 1668).

*mas fundidas e postas a circular em lingotes, do feito de um pequeno barco, que, em Macau, se chamam pães de ouro ou de prata. (...) Os pães de ouro valem, um, dois dez e até vinte escudos (...). Cortam-nos com tesouras de aço, que trazem para isso, e dividem-nos em bocados maiores ou menores, consoante o preço daquilo que compram*¹⁰. Trata-se, afinal, de aspectos sistematica e sucessivamente assinalados pelos mais diversos autores portugueses mas também espanhóis, como é o caso do Pe. Adriano de las Cortes que, ainda que com um discurso mais sucinto, nos dá conta de outras formas de transaccionar o ouro, ao afirmar que têm “*mucho y buen oro, hecho barquillos como de media libra, (...); y en panes muy batido y delgado y mucho en madejas (...)*”¹¹.

Embora obtido a partir de tão precioso metal, terão sido, todavia, as particularidades intrínsecas a este tipo de fio, assim como o procedimento necessário à sua obtenção, os grandes responsáveis pela atenção que os ocidentais lhe prestaram. De facto, o processo usado na sua manufactura revela-se distinto daquele que caracteriza a obtenção do fio metálico que, no período considerado em análise no presente texto, prevaleceu nos trabalhos têxteis europeus, isto é, o fio laminado - ainda que o mesmo pudesse ser usado em simultâneo com outras variantes, como a lâmina, o fio de feira, o fio crespo e o canutilho.

Na Europa, os primeiros fios de ouro utilizados consistiam no denominado *aurum battutum*, em que o ouro (puro ou misturado com ligeiras quantidades de prata ou cobre), sob a forma de lingotes, era batido e estirado com vista à obtenção de folhas de espessura fina as quais eram, por sua vez, cortadas em lâminas. Estas podiam ser utilizadas assim ou passadas por uma feira, através da qual se obtinha um filamento muito fino, dúctil e de secção circular que era, por esse motivo, denominado fio de ouro de feira. Cedo surgiu uma nova opção, mais flexível e melhor manobrável, em especial no contexto do bordado, o fio laminado enrolado, em espiral, em torno de uma alma (composta por uma mecha de linho ou de seda)¹².

A partir do século XI aparece uma nova alternativa de fio, ou “lâmina de pele”, designado ouro de Chipre ou de Bizâncio¹³. O mesmo fio era composto por membrana animal (normalmente retirada do intestino ou da pele de boi ou de carneiro) que, usada como suporte, correspondia a uma fina tira dourada, que podia ser plana ou enrolada à volta de uma alma de seda, algodão ou linho, um procedimento que, desde o século XIII, se torna usual na generalidade das oficinas de tecelagem europeias de sedas e brocados¹⁴. Mais barato, mais leve e flexível e,

¹⁰ Gabriel de, MAGALHÃES S.J., - *op. cit.*, p. 169.

¹¹ Adriano de, LAS CORTES, S.J., - *Viaje de la China*. Madrid: Alianza Editorial, 1991, p. 236 (1ª ed. 1625).

¹² Teresa, ALARCÃO, José Alberto Seabra CARVALHO - *Imagens em Paramentos Bordados. Séculos XIV a XVI*. Lisboa: Instituto Português de Museus, 1993, p. 28.

¹³ Em alusão às regiões de onde provinha.

¹⁴ M. BRAUN-RONSDORF, - *Les Tissus d'Or et d'Argent du Moyen Âge à l'Époque Moderne. Cahiers Ciba*. Paris, 1961/3, p. 6.

por isso, mais fácil de usar na tecelagem era, todavia, menos resistente, na medida em que perdia com alguma facilidade a camada dourada, ao mesmo tempo que se revelava menos brilhante que o fio de ouro autêntico¹⁵.

Pouco adequado à nova técnica de tecelagem de veludos que, a partir do século XIV, se introduz em Itália, o fio de ouro de Chipre foi preterido em benefício do antigo fio laminado que assim se viu definitivamente recuperado nas indústrias italiana e espanhola, os principais centros de produção de tecidos enriquecidos com ouro até ao século XVII. Por motivos económicos, a composição dos filamentos metálicos dourados (independentemente de serem em lâmina, de feira ou laminados) foi variando ao longo do tempo, sendo que, a partir de Trezentos, se substituiu o ouro pela prata dourada ou por uma liga de prata e cobre dourado. Entre os séculos XV e XVI, o fio tende a ser em cobre, primeiro prateado e depois dourado, o qual, na centúria de Setecentos, passa a ser sujeito a vapores de zinco cuja acção assegura a formação de uma camada dourada, quimicamente correspondente a latão¹⁶.

Ora, no que se refere ao fio de ouro chinês, como o padre du Haldé nota: “*ils ne passent pas leur or par la filiere, afin de le retourdre avec le fil, comme on fait en Europe;*”¹⁷. Pelo contrário, e a asseverar pela afirmação do frade da ordem de Santo Agostinho, frei Juan Gonzalez de Mendoza, ainda em 1586, recorriam a um método totalmente original e nunca antes visto pelos europeus, pois a ele se refere como “*bilo de oro, bilado por modo jamas visto en la Christandad*”¹⁸.

Na verdade, e muito embora durante as dinastias Ming (1368-1644) e Qing (1644-1911) - contemporâneas da presença portuguesa na China -, os chineses dispusessem de diferentes tipos de fio de ouro, inclusive, fios de 20 quilates, - cuja secção podia atingir 0,5 a 1mm de diâmetro - foram, no entanto, outras soluções aquelas que imperaram, como o papel dourado e pintado¹⁹.

Contanto que o uso do fio de ouro estendido remonte ao período dos Estados Combatentes (475-221a.C), o mesmo ter-se-á popularizado, como opção de embelezamento de sedas de luxo, através do comércio e contactos com o

¹⁵ Na opinião de Adele Weibel, este fio consistia, muito provavelmente, numa adaptação dos primitivos fios dourados chineses que, como mais adiante se exporá, recorriam a um suporte de pele.

¹⁶ Anne RINUY - *Fils d'Or des Textiles Anciens: Étude de Leur Mode de Fabrication au Cours du Temps*. AAVV- *L'Oeuvre d'Art Sous Le Regard des Sciences*. Geneva : Editions Slatkine, 1994, pp. 124.

¹⁷ Jean-Baptiste du HALDÉ - *Description Geographique, Historique, Chronologique, Politique et Physique de l'Empire de la Chine et de la tartarie Chinoise*. Paris : P.G. le Mercier, tomo II, 1735, p. 206.

¹⁸ Juan Gonzalez de MENDOZA - *Itinerario y Compendio delas Cosas Notables que ay Desde España hasta el Reyno dela China y dela China à España bolviendo por la India Oriental despues de auer dado buelta à casi todo el Mundo*. Lisboa: S. Phelippe el R, 1586, fl. 61.

¹⁹ cf. Young Yang CHUNG - *Silken Threads. A History of embroidery in China, Korea, Japan, and Vietnam*. Nova Iorque: Harry N. Abrams. Inc. Publishers, 2005, p. 115 e Young Yang CHUNG - *Painting With a Needle. Learning the art of silk embroidery*. Nova Iorque: Harry N. Abrams, Inc. Publishers, 2003, p. 86.

Ocidente, durante a dinastia Tang (618-926)²⁰. Ao que tudo aponta, a generalizada predilecção pelo ouro nos mais variados contextos artísticos parece ter sido mais intensa junto dos governantes não chineses do que chineses²¹. Foi, por exemplo, o que se verificou com as dinastias estrangeiras Liao (907-1125) e Jin (1115-1234), reinantes nos territórios periféricos e fronteiriços do norte e nordeste da China, que recorriam muito mais ao uso do ouro na produção de têxteis do que os seus pares da China central, à época, dominada pelos Song (960-1279)²².

Os estudos mais recentemente desenvolvidos em torno da cultura material do período em causa revelam a coexistência de dois tipos de fio, sendo que a sua maior diferença incide no suporte utilizado, o qual era feito, respectivamente, de materiais de origem animal e de papel. Por outro lado, a aplicação de ouro sobre suportes animais, nomeadamente, cabedal de cabra ou ovelha cortado em tiras planas (não enroladas), sugere uma produção assegurada por não chineses, ao contrário daquela em que o ouro se apresenta aplicado sobre papel, geralmente observada nas sedas chinesas²³.

É a partir da dinastia seguinte, a Yuan (1279-1368), liderada pelos mongóis, que se assiste à generalizada substituição do suporte animal pelo de papel²⁴ e se acentua a adopção de ouro de forma mais intensa e regular no domínio têxtil chinês²⁵. Consistia o processo em dourar tiras de papel com ouro em pó, sobre mordente de cola ou resina, que se usavam planas ou enroladas em torno de uma alma de seda, uma modalidade que, a partir do século XV, viria a suplantá-la, de vez, as tiras planas usadas em brocados manufacturados em períodos anteriores²⁶.

Foi este fio que os europeus observaram e descreveram, como bem o exemplifica o florentino Francesco Carletti (1573-1636), na sua relação da viagem intitulada, *Ragionamenti sopra le cose da lui vedute ne'suoi viaggi sì nella Indie Orientali come in altri paesi*, escrita em 1606. Verdadeiro aventureiro, foi no estatuto de mercador de escravos, especiarias, seda e produtos exóticos que se tornou “il primo uomo a compiere un viaggio intorno al mondo a proprio spese”²⁷. Ora, de entre os vários locais que conheceu e em que participou da respectiva actividade comercial, conta-se Macau, onde se encontrava em 1598. Ali teve oportunidade de observar as sedas adquiridas pelos portugueses em Cantão, acerca das quais nos

²⁰ Young Yang CHUNG - *Silken Threads*, (...), p. 116.

²¹ Regina KRAHL - Mediaeval silks woven in gold: Khitan, Jürchen, Tangut, Chinese or Mongol?. *Chinese and Central Asian Textiles. Selected articles from Orientations 1983-1997*. Hong Kong: Orientations Magazine Ltd, 1998, p. 182.

²² Shelagh VAINKER - *Chinese Silks. A Cultural History*. Londres: British Museum, 2004, p. 118.

²³ Regina KRAHL - *op. cit.*, p. 182; Shelagh VAINKER - *op. cit.*, p. 123.

²⁴ Cf. Claire BROWN - *Weaving China's Past. The Amy S. Clague Collection of Chinese Textiles*. Phoenix: Phoenix Art Museum, 2000, p. 35.

²⁵ Cf. Philippa SCOTT - *The Book of Silk*. 2.ª ed.. Londres: Thames & Hudson, 2001, pp. 37-38.

²⁶ Cf. Claire BROWN - *op. cit.*, p. 43.

²⁷ Francesco MORENA - *Dalle Indie Orientali alla Corte di Toscana. Collezioni di arte cinese e giapponese a Palazzo Pitti*. Florença: Giunti, 2005, p. 39.

refere serem “(...) *ouvragees et ornées de beaux décors, très divers et apparents, et à place de l'argent et de l'or qui est d'usage, ils mettent certain fil de feuille argentée et dorée, qu'après avoir finement coupé, ils filent de la manière dont nous faisons l'or et l'argent filé.*”²⁸.

As análises estratigráficas realizadas a algumas amostras confirmam o recurso a folhas de papel - normalmente, de arroz ou feito a partir de madeira da Amoreira²⁹ - impregnadas de cola animal, sobre o qual se aplica uma camada de bolus seguida de ouro, em folha ou em pó. O papel é depois cortado em finíssimas tiras, as quais são individualmente enroladas em filamentos de seda. O resultado é um fio, segundo o Pe. Álvaro Semedo, “*de menos porte que os nossos, porém, o torçer o papel, para o fazerem parecer verdadeiro, é grande artifício*”³⁰.

Na sua observação, o Pe. Semedo introduz-nos o segundo dos tópicos a que no início do texto nos referimos, relativamente aos contextos em que o tema do fio de ouro é abordado nas diferentes obras que tivemos oportunidade de analisar: o da habilidade manual dos chineses. Em 1590 Duarte de Sande resumia a questão escrevendo: “*É gente de agudo engenbo para todas as artes, muito apegada às suas coisas e pouco interessada nas dos outros. (...) A sua indústria observa-se principalmente nas artes manuais, e nelas os chineses superam a maioria dos povos deste Oriente. Tão grande é, na verdade, o número dos artífices que artisticamente trabalham o ouro, a prata e qualquer outro metal (...)*”³¹.

Os chineses desde cedo conquistaram a reputação de serem um povo dotado de uma extraordinária destreza manual e imensamente habilitado para realizar todo e qualquer tipo de trabalho, mormente, quando motivados nesse sentido³². Por outro lado, e no caso particular de algumas das suas mais importantes e apreciadas criações, como eram as porcelanas, as lacas e as sedas, o segredo foi, de facto, para os chineses a alma do negócio, uma vez detentores de técnicas exclusivas e, durante muito tempo, desconhecidas de outras nações. Foi precisamente o que sucedeu com a arte do fio de ouro chinês, cujo procedimento utilizado na sua

²⁸ Francesco CARLETTI - *Voyage autour du monde de Francesco Carletti (1594-1606)*. Paris : Chandeigne, 1999, p. 194 (1606).

²⁹ Cf. Agnes GEIJER - *Oriental Textiles in Sweeden*. Copenhaga: Rosenkilde and Bagger, 1951, p. 71 e BRAUN-RONSDORF, M. - *op. cit.*, p. 7.

No que concerne às amostras de fio de papel dourado laminado que tivemos oportunidade de analisar no antigo Instituto José de Figueiredo, no contexto de um projecto de investigação que levámos a cabo com uma bolsa da Fundação Oriente, entre 1995 e 1996, as mesmas revelaram uma composição assente na mistura de duas monocotiledónias, milho e provavelmente cana de açúcar, ou de uma mistura de trapo com monocotiledónia, provavelmente milho.

³⁰ Cf. Álvaro SEMEDO S.J., - *op. cit.*, p. 66.

³¹ Duarte de SANDE, S.J., - *op. cit.*, p. 334.

³² Foi o que se verificou em várias vertentes artísticas de manufactura chinesa orientada para a exportação e, nesse sentido, ora produzida ao gosto e segundo indicações dos respectivos destinatários (mas mantendo determinadas particularidades autóctones), ora literalmente copiando modelos que lhes eram fornecidos.

obtenção permaneceu misterioso na Europa, até ao final do século XVIII. Disso nos dá testemunho Germain Saint-Aubin, desenhador do rei de França, na sua obra, *L'Art du Brodeur*, publicada em França, em 1770, onde escreve: “*Les Chinois patients & laborieux (...) liserent souvent leur Broderie d'un papier doré & filé sur soie, qu'eux seuls savent faire.*”³³.

Duas décadas mais tarde, a situação de desconhecimento relativamente ao *modus operandi* dos chineses no fabrico do fio dourado mantinha-se, o que contribuía para reforçar a sua imagem aos olhos dos europeus como algo diferente e original e, por isso, extremamente estimado e passível de imitação. Assim nos informa R. Jenyns: “*les fameux lamés d'or et d'argent de Pékin étaient si prisés en Europe, au XVIIIe siècle, qu'un fabricant fut adjoint à Lord Macartney, lors de sa mission en Chine, afin d'essayer d'en apprendre le secret, mais il revint en 1794 sans y être parvenu.*”³⁴.

O fio de ouro chinês apresenta-se, assim, como um ótimo exemplo não só da habilidade e destreza manual que se reconhecem inatas aos chineses mas também, e sobretudo, como a materialização do próprio espírito comercial deste povo, para quem a obtenção de lucro se afigura como principal propulsor de todo o seu empenho e actuação, no domínio das artes mecânicas e da sua ulterior transacção.

Este é, aliás, um aspecto assinalado por diversos autores como o padre inaciano António de Gouveia no capítulo 12º *Artes Mecanicas* da sua *Asia Extrema*: “*os oficiais mecanicos não atendem tanto à perfeição e primor da obra, quanto à vontade e posse de quem manda fazer; porque se o presso excede ja não ha quem a queira. Daqui vem porem todo cuidado no vistoso e aparente, e muyto pouco em ser solido e fixo.*”³⁵. Uma atitude contrária à dos europeus, mais preocupados com a qualidade dos artigos e a reputação dos mestres por si responsáveis - garantes de uma melhor remuneração -, como já cerca de meio século antes Mateus Ricci observava, a respeito da postura profissional dos chineses, os quais, no seu entender, estariam antes concentrados no dispêndio mínimo de tempo e de dinheiro e não na perfeição do resultado final: “*Et una è assai ordinaria che, per essere i Cinesi moderati e parchi nelle sue cose, non fanno molto grande spese. E di qui avvieni che gli arteggiani non sempre pongono le sue forze tanto in fare l'opre sue molto perfette, quanto in farle con puoca spesa di danari e di tempo, per potere vendere tutto a molto migliore mercato; e soventemente falsificano molte cose e non gli fanno altro che una bella apparentia. Nel che, pare a me sono contrarij i nostri*

³³ Charles Germain de SAINT-AUBIN, *L'Art du Brodeur*. Boston e Londres: Los Angeles County Museum of Art - David R. Godine, Publisher, 1983, p. 2 (1770).

³⁴ Cf. R. Soame JENYNS (dir. de) - *Arts de la Chine*. Friburgo : Office du Livre, vol. 4, 1965, p. 64.

³⁵ António de GOUVEA - *Asia Extrema Entra nella a Fé, promulga-se a Ley de Deos pelos padres da Companhia de Jesus. Primeira Parte*. Lisboa: Fundação Oriente, 1995, p. 179 (1ª ed. 1644).

(e così loro lo confessan), che tutto fanno con molta perfettione per venderlo di poi piu caro.”³⁶.

De aspecto algo equivalente ao fio laminado europeu, o seu congénere chinês era, afinal de contas, muito mais económico e nem por isso menos eficaz, do ponto de vista de efeito visual final, constituindo-se como uma solução assídua no embelezamento da produção tecida e bordada chinesa, que se apresentava decorada “*com preciosos e lindos trabalhos em oiro*”³⁷.

Acerca dos domínios de utilização do fio de ouro na China, Du Haldé facultamos elementos que consideramos bem interessantes, ao mesmo tempo que assinala algumas limitações do produto: “*Ces étoffes sont très-belles en sortant des mains de l’Ouvrier, mais elles ne sont point de si longue durée, & ne peuvent gueres servir aux vêtements, parce que l’air & l’humidité ternissent bientôt l’éclat de l’or; elles ne sont gueres propres qu’a faire des meubles & des ornements d’Église.*”³⁸.

Todavia, e no que respeita à descrição das particularidades plásticas e iconográficas dos artigos ornamentados com este filamento, as obras consultadas revelam-se francamente menos pormenorizadas do que nos outros domínios já abordados. Ainda assim, conseguimos distinguir uma ou outra referência que não se limita a descrever, em jeito de listagem, os tipos de tecidos decorados com ouro. Veja-se o caso do dominicano Frei Gaspar da Cruz, ao escrever a propósito das vestes de uns loutias, as quais nos informa serem “*cô cravaçam dourada e prateada, que parece posta sobre laminas, mas be obra mui sutil feita sobre seda muito seingella, que serve soo pera ornamento e galâtaria*”³⁹. Também Duarte de Sande, esclarece que “*tecem engenbosamente o ouro no pano de linho ou de veludo*”⁴⁰, uma informação que se nos afigura apenas parcialmente correcta, na medida em que o linho era usado no vestuário corrente e não propriamente em artigos susceptíveis de comportar fio de ouro, como aqueles manufacturados em seda.

Entre os séculos XVI e XVIII - período a que se circunscrevem as obras que elegemos como referências à construção do presente texto -, o fio de ouro chinês despertou uma verdadeira admiração entre os estrangeiros, fenómeno a que, como salientámos, não foram indiferentes a sua composição; o procedimento empregue com vista à sua obtenção; o seu uso de forma difusa e abrangente, entre a população autóctone; e, não menos importante, o seu preço. Aliás e no que se refere a este último aspecto, foi-nos possível identificar duas observações

³⁶ Pasquale d’ELIA, (ed. de) - *Fonti Ricciani. Documenti originali Concernenti Matteo Ricci e la Storia delle Prime Relazioni tra l’Europa e la Cina (1579-1615)*. Roma: Libreria dello Stato, vol. 1, 1942, p. 29.

³⁷ Cf. Álvaro SEMEDO S.J., - *op. cit.*, p. 44.

³⁸ Jean-Baptiste Du HALDÉ - *op. cit.*, p. 206.

³⁹ Frei Gaspar da CRUZ - *Tratado em que se cõtam muito por est so as cousas da China cô suas particularidades, assi do reino d’Ormuz, cõposto por el. R. padre frei Gaspar da Cruz da ord de sam Domingos*. Lisboa: Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1989, p. 220 (1569).

que, embora temporalmente distantes entre si, se revelam deveras ilustradoras dos valores subjacentes a esta matéria-prima e aos artigos consigo manufacturados: referimo-nos a uma da autoria do já mencionado mercador florentino, Francesco Carletti, quando, a propósito da diversidade de oferta de peças têxteis com fio de ouro disponíveis no mercado cantonês, observa ser o seu valor “*à un pris si bas qu'on ne me croirait pas si je le disais.*”⁴¹. Cerca de 150 anos mais tarde, os preços permaneciam mais do que apelativos, de acordo com a afirmação taxativa de Saint-Aubin sobre este assunto: “*Il n'y a point de pays où l'on travaille si proprement, si abondamment, ni à si bon marché.*”⁴².

Todos estes aspectos contribuíram para que o fio de ouro fosse integrado nas listagens de artigos a comerciar entre os chineses e os estrangeiros, sendo de notar que a sua transacção não se confinava ao território do Celeste Império. Na verdade e, muito embora os chineses estivessem impedidos de sair do país, sabemos que os nativos do Sul levavam o fio de ouro “*y otras muchas curiosidades*” não só às Filipinas onde, segundo Mendoza, “*lo dan a muy baxos precios*”⁴³, mas também à Batávia. De acordo com Du Haldé, o ouro “*que les chinois portent à Batavie, ne se vend qu'au poids; ils est par paquets avec grandes queues de soye rouge, qu'ils mettent exprés pour rehausser la couleur de l'or, & pour prendre les paquets plus pesans*”⁴⁴.

Relativamente aos estrangeiros intervenientes neste negócio, através do *Tratado* de Duarte de Sande e Alessandro Valignano, temos notícia da participação de lusitanos, quando, a propósito da aquisição de ouro, declaram que “*Os portugueses não compram apenas, estes pães de ouro, mas também grande quantidade de fio de ouro e de folhas de ouro pois os chineses conseguem muito habilmente bater e moldar o ouro em placas e folhas*”⁴⁵. E é por um outro texto de Duarte de Sande, já atrás mencionado, que ficamos a saber de alguns dos destinos para este produto, respectivamente, a Índia e o Japão⁴⁶.

No entanto, os portugueses não foram os únicos a adquirir e a exportar esta matéria para outras nações mais ou menos limítrofes da China, também controladas por europeus, como era a Batávia (actual Indonésia), então sob alçada

⁴⁰ Duarte de SANDE, S.J. - *op. cit.*, p. 334.

⁴¹ Francesco CARLETTI - *op. cit.*, p. 194.

⁴² Charles Germain de SAINT-AUBIN - *op. cit.*, p. 2.

⁴³ Juan Gonzalez de MENDOZA - *op. cit.*, fl. 61v.

⁴⁴ Jean-Baptiste Du HALDÉ - *op. cit.*, p. 172.

⁴⁵ Rui Manuel LOUREIRO - *Um Tratado sobre o Reino da China dos Padres Duarte de Sande e Alessandro Valignano*, (col. Documentos e Ensaios, nº 4). Macau: Instituto Cultural de Macau, 1992, p. 40 (1590).

Também noutro texto da autoria de Duarte de Sande registamos um comentário análogo: “E não apenas estes pesos são comprados pelos portugueses, mas também grande quantidade de fio e folhas de ouro, porque os chineses sabem adelgaçar artisticamente os fios e as membranas de ouro.” - cf. S.J., Duarte de SANDE, *op. cit.*, p. 332.

⁴⁶ *Idem.*, p. 331.

dos holandeses. Contanto que os chineses levavam o fio de ouro até à Batávia, segundo Du Haldé, “*Les Hollandois n'en font pas usage, mais ils le portent sur les terres des Malais, ou ils font un gain considérable*”⁴⁷.

Após esta breve incursão por alguns dos informes coligidos pelos europeus, entre os séculos XVI e XVIII, acerca do fio de ouro chinês, afigura-se perceptível o impacto que o mesmo suscitou entre aqueles que consigo directa ou indirectamente contactaram. Assim o demonstra a quantidade de notícias que facilmente recolhemos e a diversidade de aspectos nelas contemplados versando, como expusémos ao longo do texto, as tecnologias usadas no seu fabrico, as suas particularidades intrínsecas, os contextos de utilização e a sua comercialização. Do mesmo modo e para idêntica leitura contribui, a nosso ver, a sua antiguidade enquanto tópico de abordagem - sendo que as primeiras notícias de que dispomos, datáveis de 1569, se revelam contemporâneas da fase inicial de fixação dos portugueses em Macau - à qual se associa a actualidade do tema, patente na assiduidade com que o mesmo foi sendo sucessivamente tratado por autores das mais variadas nacionalidades e contextos profissionais.

Importa, todavia, notar que se o apreço de uns se pode justificar à luz da novidade e da diferença que caracterizava este fio comparativamente com o seu congénere europeu, a verdade é que para outros, o que estava em causa eram aspectos estritamente económicos, ainda para mais, quando os dois fios eram aparentemente idênticos. Tanto assim, que o fio de ouro chinês cedo foi incorporado como mercadoria a transaccionar pelos chineses e pelos estrangeiros, dentro e fora da China.

⁴⁷ Jean-Baptiste Du HALDÉ - *op. cit.*, p. 172.

